



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2024
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2024v25i1:e66439>

Uma introdução ao pragmatismo na filosofia de Charlotte Perkins Gilman

An introduction to pragmatism in the philosophy of Charlotte Perkins Gilman

Laura Elizia Haubert*
eliziahaubert@gmail.com

Resumo: O resgate da memória e dos trabalhos das filósofas pragmatistas que foi iniciado na década de 1990 por Charlene Haddock Seigfried culminou na revisão do cânone histórico do pragmatismo, ao qual foi adicionado uma série de novos nomes, entre eles, o de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935). Embora mais conhecida no âmbito literário, Gilman foi considerada uma filósofa pragmatista em recentes interpretações devido tanto a sua proximidade contextual com os pragmatistas da idade de ouro, quanto a proximidade de seu método reflexivo e de questões abordadas. O presente trabalho visa introduzir aos leitores de língua portuguesa essa relação a partir de fatos biográficos e de suas obras de não ficção.

Palavras-chave: Charlotte Perkins Gilman. Feminismo. Filosofia Feminista. Pragmatismo.

Abstract: *The recovery of the memory and work of women pragmatist philosophers that began in the 1990s by Charlene Haddock Seigfried culminated in the revision of the historical canon of pragmatism, to which a series of new names were added, including that of Charlotte Perkins Gilman (1860-1935). Although better known in the literary circle, Gilman has been considered a pragmatist philosopher in recent interpretations due to both her contextual proximity to the pragmatists of the Golden Age and the proximity of her reflective method and the issues she addresses. This paper aims to introduce Portuguese-speaking readers to this relationship from biographical facts and from her books of non-fiction.*

Keywords: *Charlotte Perkins Gilman. Feminism. Feminist Philosophy. Pragmatism.*

“Vida é um verbo, não um substantivo. Vida é viver, viver é fazer, vida é aquilo que é feito pelo organismo”

Charlotte Perkins Gilman in Human Work

Recebido em: 29/04/2024.

Aprovado em: 09/05/2024.

Publicado em: 14/06/2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1 Introdução

Assim como aconteceu em outras áreas da filosofia, o pragmatismo também viu surgir, pelo menos desde a década de 1990, um movimento de revisão da sua história canônica. Essa revisão visava preencher lacunas e recontar a história dessa tradição desde uma perspectiva mais plural, abarcando também as pensadoras que estiveram nele envolvidas.

A convocação feita por Charlene Haddock Seigfried (1991a; 1991b e 1996) de questionar aos pares onde estavam as mulheres filósofas do pragmatismo clássico gerou uma onda de novos estudos, que revelaram como mulheres de distintas áreas e com diversos interesses filiaram-se ao

* Universidad Nacional de Córdoba.

pragmatismo com o intuito de reforçar suas teorias, ideias e ativismos. De acordo com Seigfried (1996, p. 3), “desde o começo, o pragmatismo atraiu as mulheres pensadoras e ativistas que encontraram nele um movimento no qual poderiam trabalhar por uma nova ordem intelectual e social”. Este é o caso, por exemplo, da filósofa aqui tratada, Charlotte Perkins Gilman.

Embora Gilman seja mais conhecida entre o público brasileiro por suas publicações na área da literatura, com traduções de suas obras como “Terra das mulheres” (Gilman, 2018) e “O papel de parede amarelo e outros contos” (Gilman, 2019), ela também foi uma filósofa. De fato, Gilman rebateu explicitamente a um de seus contemporâneos e críticos de seu trabalho que a chamou de uma reformadora social, título que é até hoje atribuído a ela. A seguir, destaca-se um excerto de sua autobiografia onde pode-se ver sua resposta.

O Sr. Howells me disse que eu era a única reformadora otimista que ele já conheceu. Talvez porque eu não fosse uma reformadora, mas uma filósofa [*philosopher*]. Trabalhei por várias reformas, assim como Sócrates foi para a guerra quando Atenas precisou de seus serviços, mas não nos lembramos dele como soldado. Minha tarefa era descobrir o que estava prejudicando a sociedade e como melhorá-la de forma mais fácil e natural. (Gilman, 1991, p. 182).

A perspectiva adotada por Gilman (1991) de que a filosofia era uma ferramenta para transformar a sociedade encontra ressonância com a de outros filósofos pragmatistas contemporâneos seus como Jane Addams e John Dewey, para citar dois pensadores do mesmo período. Em especial, destaca-se a similaridade dos posicionamentos de Gilman e Dewey. Por exemplo, no ensaio “A necessidade de uma recuperação da filosofia” Dewey (2021, p. 298) escreveu: “a filosofia se recupera quando deixa de ser um artifício para lidar com os problemas dos filósofos e se torna um método, cultivado pelos filósofos, para lidar com os problemas dos homens”. Gilman e Dewey se assemelham, no sentido de que, ambos os filósofos estão lidando com os problemas dos homens de seu tempo.

Não só Gilman pode ser interpretada como uma filósofa, mas, indo além, pode ser considerada como uma pragmatista. De acordo com a interpretação de Upin (1993, p.38) “a filosofia que Gilman defende faz parte do nosso legado pragmático porque as suas preocupações, os seus insights e especialmente o seu método convergem com o do seu contemporâneo, John Dewey”. A intérprete não está sozinha em sua análise de Gilman, também compartilham dessa mesma perspectiva Seigfried (2001), Sullivan (2007), Wile (2020) e Hernandez (2022). Este trabalho é uma continuação destas pesquisas citadas, agora direcionada ao público falante de português.

2 Gilman e o contexto pragmatista

Pode-se pensar em uma classificação de Gilman como pragmatista de dois modos. Uma pela proximidade de seu contexto intelectual. Outra pela proximidade de seus métodos, problemas e interesses. Abordar-se-á de modo breve e introdutório ambos os eixos na presente investigação. Começando pelo primeiro, destacam-se os trabalhos de Upin (1993) e Seigfried (1996; 2001) que lançaram inicialmente luz a esse contexto.

Embora Gilman só tenha entrado para os livros de história da filosofia recentemente, devido a trabalhos como os de Murphy (1995), ela foi ainda em sua época reconhecida por muitos como uma intelectual pública e uma teórica do feminismo, sendo considerada especialmente proeminente quanto aos problemas relacionados aos direitos das mulheres. No entanto, como mostra Seigfried (2001), ela também interagiu, influenciou e foi influenciada pelo contexto pragmatista, especialmente o de Chicago.

Como narra Gilman (1991) em sua autobiografia, ela foi a Chicago a convite de Jane Addams para visitar o assentamento estabelecido por ela e Ellen Starr, chamado Hull House. Gilman passou três

meses vivendo na Hull House, junto com as outras ativistas e a própria Addams, antes de decidir mudar-se. Como explicou McCrary (2019), ambas Addams e Gilman eram filósofas pragmatistas, ativistas e teóricas que se admiravam mutuamente, embora nutrissem diferenças substanciais em relação a temas como o cuidado e a política.

Jane Addams é uma das filósofas pragmatistas de maior destaque, que também aparece no resgate iniciado por Seigdfried (1991a; 1991b; 1996). De acordo com Hamington (2009, p. 7), existem quatro razões pelas quais as contribuições de Addams não receberam atenção durante tanto tempo na historiografia, são elas: “[...] sexismo, a força da divisão entre as disciplinas acadêmicas, preconceito contra ativistas e estilo de redação”. De todas as filósofas pragmatistas da idade dourada, Addams é uma das que mais vêm recebendo atenção por parte da literatura secundária, ao ponto de que recentes introduções ao pragmatismo como as de Spencer (2020) e De Waal (2022) já contêm menções a seu trabalho.

Para além das conexões de Gilman com Addams, também diversas pesquisas indicaram sua proximidade com John Dewey, um dos pais fundadores do pragmatismo. De acordo com Upin (1993), essa conexão pode ser vista em distintos trabalhos de Gilman, por exemplo, em um artigo de 1894 ela recomenda aos leitores da revista *Pacific Coast Women's Press Association* um dos livros de Dewey. E essa não foi a única vez, mais tarde, em seu jornal mensal que ela mesma escrevia, editava e publicava, intitulado *The Forerunner*, Gilman voltou a recomendar a produção de Dewey em 1816, com ênfase para *How we Think* e *Schools of Tomorrow*.

Uma outra especulação que aproxima os dois filósofos é que, segundo Upin (1993), é bastante provável que eles tenham se conhecido pessoalmente e que Gilman possa ter conversado com Dewey durante sua estadia de três meses na Hull House. Sabe-se que Dewey era um dos pensadores acadêmicos que se envolveu pessoalmente com o projeto liderado por Addams e Starr, dando classes no assentamento social e tornando-se amigo de Addams durante toda sua vida.

Além disso, conforme Upin (1993), não se pode descartar a possibilidade de que Gilman e Dewey tenham também se conhecido durante os anos em que ambos moravam na cidade de Nova York. Gilman viveu lá entre os anos de 1900 e 1922, enquanto Dewey mudou-se em 1905 permanecendo em Nova York até o final de sua vida. Mais especificamente, é possível que eles tivessem se conhecido em 1911 quando ambos argumentaram em favor do sufrágio feminino em seus respectivos papéis de intelectuais públicos. Outra possibilidade é a de que tenham se conhecido nas discussões e eventos que aconteciam em prol da educação, já que ambos estavam interessados no tema. Conta um dos biógrafos de Dewey, Martin (2002), que em fevereiro de 1913, Dewey e Gilman participaram com outros intelectuais e acadêmicos de um anúncio para um plano de trabalho de professores.

Embora ainda seja especulativo, uma outra evidência que pode ajudar a sustentar a hipótese de uma relação entre Dewey e Gilman é que, em sua correspondência privada, Dewey rebate as críticas feitas a Gilman pelo engenheiro Scudder Klyce (1879-1933),¹ alegando que ela era uma pessoa diferente daquela retratada pelo seu correspondente, o que pode indicar que eles se conheciam, e o filósofo estava falando de sua experiência em relação a Gilman. Cita-se aqui um excerto dessa carta ainda pouco conhecida.

Mas, como o senhor observa, em geral somos todos mais ou menos listrados; é uma questão de proporções. Por exemplo, em sua repulsa bastante natural por parte do trabalho da Sra. Gilman, você [...] ignora o que é bom, o apelo pela independência econômica das mulheres. Além disso, você avalia o caráter pessoal dela de forma

1 A correspondência onde Dewey defende Gilman dos ataques de Klyce foi comentada com maiores detalhes no trabalho de Boydston (1975, p. 2), aqui cita-se um comentário da intérprete a respeito dessa relação: Scudder Klyce foi descrito como “isolado, excêntrico”. Suas cartas longas e densamente detalhadas para Dewey são de difícil leitura. No entanto, Dewey encontrou nelas e em Klyce uma profundidade de pensamento que valia a pena incentivar e a correspondência continuou de 1915 a 1931, apesar dos vários esforços de Dewey para terminá-la. As excentricidades e os lampejos de brilhantismo de Klyce, sua persistente sondagem, análise e até mesmo acusação, evocaram os tipos mais pessoais de revelações que podem ser encontrados em qualquer parte das cartas de Dewey. Como ele disse a Klyce em 1915: “Eu me escrevi para você, mesmo que de forma breve e descuidada, mais do que me registrei em qualquer outro lugar”.

totalmente errada. Ela é uma pessoa excepcionalmente alegre, otimista e amável, de fato, [...] em vez de complacente e do tipo “Johnny-head-in air”. Se ela fosse um homem, teria tido um treinamento técnico melhor, teria se tornado uma especialista e conquistado grande reputação e elogios. Em resumo, ela é do tipo unilateral, extremamente comum entre os homens, praticamente entre todos os especialistas científicos, todos os professores universitários, inclusive eu. Você se acostumou com esse tipo entre os homens e, por isso, condena-a [...] você não está acostumado com ele nas mulheres e, por isso, ataca a Sra. Gilman, embora, na verdade, ela seja muito mais amável e não muito mais obtusa do que a maioria dos homens especialistas. (Dewey, 2008, n. 04621).

Ora, o fato de que Gilman conheceu Addams, frequentou a Hull House e de que ela lia os trabalhos de Dewey e, até mesmo, talvez, tenha chegado a conhecê-lo pessoalmente, não é mera curiosidade biográfica. Parte do trabalho de rastrear um filósofo dentro de uma tradição é entender suas conexões com esta, neste sentido, pelo menos pode-se dizer que Gilman estava tanto intelectualmente, quanto por vezes, fisicamente, muito próxima do pragmatismo.

A peculiaridade de Gilman é que, como notaram McCrary (2019) e Hernández (2022), ela primeiro aliou seu pragmatismo a seu ativismo feminista, e, depois, conseguiu expandir e desenvolver seus argumentos filosóficos pragmatistas feministas nos mais variados gêneros literários, da não ficção, à literatura, poesia, resenhas e ensaios. O pragmatismo parece estar pulverizado em sua produção de diferentes âmbitos, e, talvez, seja justamente devido a essa pulverização que tenha passado tanto tempo despercebido pelos intérpretes. É hora de continuar os trabalhos iniciados anteriormente de correção que visam recolocar Gilman na história da filosofia. Para alcançar este objetivo, optou-se por traçar um breve panorama das características do pragmatista, para entender depois quais delas estavam presentes no trabalho da filósofa.

3 Gilman e o pragmatismo em seus textos: introdução

Infelizmente, definir o pragmatismo clássico não é tarefa fácil, conforme indicaram Talisse e Aikin (2008). O pragmatismo pode ser entendido de diferentes modos, desde como uma teoria da verdade, do significado, e da referência, até como uma proposta epistemológica, como uma perspectiva metafísica, ou ainda pode ser concebido mais amplamente como um método filosófico de tratamento dos conceitos. O sentido aqui adotado é, justamente, aquele sugerido por Barrena (2014), de que a tradição pragmatista iniciada por C. S. Peirce, divulgada por James e ampliada por Dewey é um método de clarificação dos conceitos filosóficos levando em conta as consequências destes.²

Apesar do desafio que representa a classificação do pragmatismo, ao longo das décadas distintos comentadores se esforçaram para encontrar características que sejam compartilhadas pela maior parte dos filósofos envolvidos com esse método. Por exemplo, Morris (1973, p. 24) escreveu que os pragmatistas clássicos compartilhavam “o darwinismo, o método experimental e a democracia [...]”. Já para Stuhr (1997), o essencial do pragmatismo era o emprego do método da experiência para abordar os problemas sociais da época. Em outra leitura, como a de Penelas (2018, p. 176), as duas características centrais eram, de um lado a ideia “de que se pode ser anticético e falibilista ao mesmo tempo, isto é, de que é possível

2 O pragmatismo pode ser empregado para se referir a uma ampla gama de teorias. Uma metáfora que sobreviveu ao longo do tempo e que auxilia a entender como isso é possível é a chamada teoria do corredor do italiano Papini (2011, p. 90) que se reproduz parcialmente aqui: “O Pragmatismo também é cético; se por cético se entende a impossibilidade de alcançar a adequação entre a mente e as coisas se é dizer a incapacidade de obter antecipações e expectativas que se verifiquem, então o pragmatismo é diretamente um antídoto para o ceticismo. [...] Ele é, pois, uma teoria corredor – um corredor de um grande hotel, onde há cem portas que se abrem para cem quartos. Em uma há um genuflexório e um homem que quer reconquistar a fé; em outra um escritório e um homem que quer acabar com toda a metafísica, em uma terceira um laboratório e um homem que quer encontrar novos ‘pontos de compreensão’ sobre o futuro. [...] Mas o corredor pertence a todos e todos transitam; e se em alguma oportunidade sucedem conversas entre os distintos hóspedes, nenhum camareiro é tão vilão para impedi-las”.

ter convicções firmes mesmo admitindo que todas as crenças que consideramos verdadeiras podem ser falsas”; e do outro lado, a aceitação da premissa de que “crenças não são representações da realidade, mas [...] são guias de ação, hábitos, disposições para agir de certas maneiras em certas circunstâncias.”

Recentemente, Spencer (2020) enumerou uma variedade mais ampla de características, como a superação de dualismos, o falibilismo, o pluralismo, a crença na comunidade e na cooperação, o verificacionismo científico, a democracia e a esperança no futuro ou meliorismo. Em específico, as últimas duas, somadas ao naturalismo e ao humanismo são atribuídas mais comumente ao pragmatismo (ou instrumentalismo) desenvolvido por John Dewey e por seus herdeiros filosóficos, como sugeriu Bagger (2018).

Essa lista das características mais comuns do pragmatismo serve como importante ferramenta para entender a classificação de Gilman como parte desta tradição. Por exemplo, tanto Upin, quanto Seigfried (2001) e Wille (2020) sinalizaram que Gilman apresenta várias dessas características clássicas, cita-se: o darwinismo, a união entre teoria e prática, a preocupação com a democracia, o método experimental para resolver problemas sociais, a concepção de que crenças são disposições à ação, o naturalismo e o humanismo.

Gilman mune-se de todas essas ferramentas do pragmatismo, como explicou Sullivan (2007), para reforçar as bases de sua teoria feminista e, com isso, termina por converter seu feminismo em uma teoria pragmatista. O fato de que ela não empregou em nenhum momento os termos pragmatismo e derivados no corpo textual não impossibilita a leitura dela como tal, já que semelhante silêncio pode ser visto em outros filósofos, por exemplo, Dewey, em seu livro que assentou as bases da estética pragmatista de 1934, *Arte como experiência*, jamais empregou qualquer termo relacionado ao pragmatismo.

Pois bem, como notou Sullivan (2007), não é um fato menor que desde o começo do século XX, feministas tenham se interessado pelo pragmatismo. Para a intérprete, características como a superação de dualismos, a conexão entre teoria e prática, e o lugar da experiência como central, são alguns dos motivos pelos quais o pragmatismo se mostrou tão popular entre as filósofas do passado e do presente.

Buscou-se nas páginas a seguir mostrar como as características aqui listadas e nomeadas de modo abstrato aparecem efetivamente no corpo textual dos trabalhos de Gilman.³ Esta é a principal contribuição desta pesquisa, já que as investigações predecessoras se limitaram a indicar o vínculo, sem exemplificá-lo com excertos correspondentes, sobretudo das obras de não ficção da filósofa.

Em seu primeiro livro de não ficção, *Women and Economics: A Study of the Economic Relation Between Men and Women as a Factor in Social Evolution* de 1898, Gilman (1898/1998) analisou uma série de temas e questões de viés feminista como o casamento, a família, o lar e a independência econômica das mulheres. Seu argumento se desenvolveu em favor deste último tema, de que um trabalho do cuidado antes realizado por mulheres deveria ser um trabalho especializado e pago, liberando-as mulheres para outras possibilidades, e assim criando uma transformação social que resulte no avanço não só da independência feminina, mas de toda a sociedade.

Como contam Kimmel e Aronson (1998), esta obra de Gilman foi imediatamente aclamada tanto nas críticas feitas em jornais, quanto também entre seus pares. Por exemplo, Jane Addams considerava-a uma obra prima e, para outras teóricas do feminismo, essa era uma das primeiras grandes contribuições estadunidenses à questão, e uma das maiores obras desde a publicação de John Stuart Mill sobre a sujeição das mulheres. Embora tenha caído em esquecimento até a década de 1970, não se deve ignorar que foi uma obra pioneira para seu tempo, analisando questões que depois só reapareceriam com a segunda onda do feminismo.

3 De acordo com a interpretação de Seigfried (2001) uma das principais razões que levaram a exclusão de Gilman do cânone pragmatista inicialmente é que ela não teve um treinamento acadêmico como muitos de seus pares, pode-se citar como exemplo a própria Addams. Gilman não chegou a cursar o ensino superior e suas reflexões são fruto de um esforço de autodidatismo. No entanto, essa falta de oportunidade não deve ser vista como impedimento para a análise de suas reflexões hoje. Outra possibilidade é que, como indicou Murphy (1995), os textos de Gilman estão permeados por incomodidades para o leitor contemporâneo devido a seu expresso racismo e etnocentrismo. Estas mesmas incomodidades, no entanto, nunca foram argumento para não estudar obras de pensadores masculinos, e, portanto, também não devem ser argumentos contra o estudo de Gilman.

Embora Gilman (1998) não empregue nenhuma vez termos como pragmatismo, pragmatista ou qualquer outro derivado em seu livro, o modo como ela cria seus argumentos e as ideias que ela defende parecem claramente influenciadas pelo que hoje se chama de pragmatismo. Um exemplo disso pode ser encontrado já nas primeiras páginas do capítulo de abertura, nas quais, o naturalismo, o humanismo, o meliorismo e a ênfase na práxis chamam atenção do leitor familiarizado com tal tradição pragmatista.

No primeiro capítulo Gilman (1998, p. 1) afirma que a maioria dos problemas humanos que parecem ser inescrutáveis a princípio não exigem uma outra vida ou qualquer explicação metafísica para eles, mas que todas as dificuldades e tristezas “são apenas os resultados naturais de causas naturais, e que, assim que determinamos as causas, podemos fazer muito para removê-los”. Como notou Upin (1993), o meliorismo e o naturalismo que Gilman demonstra nesta obra assemelha-se muito ao de Dewey em suas obras do mesmo período, a diferença diz respeito mais ao tipo de problemas com os quais cada um se ocupava.

Nos parágrafos que seguem, Gilman (1998) continuou demonstrando seu pragmatismo semelhante ao de Dewey, ao situar os seres humanos como criaturas que fazem parte de uma vida biológica que se encontra em desenvolvimento, e que é profundamente afetada tanto por questões naturais, quanto também por condições sociais. Ela lembra aos leitores que assim como os animais, também os humanos são afetados por seu entorno e por suas ações. Vale a pena aqui destacar, ao menos, um destes excertos.

Mas, embora essas exceções mostrem o que a vontade humana pode fazer, o curso geral da vida mostra o efeito inexorável das condições sobre a humanidade. Dessas condições, compartilhamos com outros seres vivos o ambiente do universo material. Somos afetados pelo clima e pela localidade, por forças físicas, químicas e elétricas, assim como todos os animais e plantas. Com os animais, também compartilhamos o efeito de nossa própria atividade, a força reacionária do exercício. O que fazemos, assim como o que nos é feito, faz de nós o que somos. (Gilman, 1998, p. 1-2).

Em particular, destaca-se, como tom particularmente pragmatista, não só a interpretação naturalista e biológica de Gilman (1998) do ser humano, mas também a forma como, na última frase, ela opera um *detour* definindo o ser humano não como aquele que pensa, mas como aquele que faz e do qual é feito algo. Assim como a verdade em James (2000) é algo que acontece, que se torna verdade por meio da verificação, também o ser humano em Gilman torna-se ser humano por meio da ação. Para Roudeau (2022, p. 350), Gilman transforma as afirmações epistemológicas de James em “uma agenda social e política”.

Essa ênfase na ação e na práxis são recorrentes na filosofia pragmatista de Gilman, aparecendo em distintas obras. Outro exemplo é encontrado em seu livro de 1904 intitulado *Human Work*,⁴ no qual a filósofa inicia o capítulo dez com aquilo que viria a se tornar uma de suas frases mais famosas, a saber, de que a: “vida é um verbo, não um substantivo. Vida é viver, viver é fazer, vida é aquilo que é feito pelo organismo” (Gilman, 1904, p. 203).

Ora, pode-se dizer que essas afirmações de Gilman não estão tão distantes assim daquelas que podem serem encontradas no primeiro capítulo de *Democracia e Educação* de Dewey (1979), que havia escrito que o ser vivo era aquele que estava em processo de renovação, de construção, e que por meio da ação intervinha e modificava o ambiente. A vida significava o contínuo aprendizado e readaptação, isto é, significava um contínuo fazer.

4 Nesta obra, Gilman continua desenvolvendo a defesa da independência econômica das mulheres que já havia apresentado anteriormente em seu livro de 1898. Porém, desta vez, concentra-se especificamente na importância do trabalho para o ser humano, e em como as mulheres haviam sido impedidas de trabalhar, e as consequências deste impedimento. Para a filósofa, “[...] o trabalho é a característica mais marcante da vida humana” (Gilman, 1904, p. 13), portanto a proibição das mulheres ao mundo laboral era um problema gravíssimo.

A ideia de Gilman de que a vida é ação aparece de forma mais desenvolvida em sua obra de 1911, *The Man-Made World or, Our Androcentric Culture*,⁵ em que aparece também uma crítica à preponderância que a filosofia historicamente deu para o “ser” em detrimento do “fazer” ou da “ação”. Em um tom particularmente irônico que marca muitos de seus livros, a filósofa endereça a seguinte pergunta aos pares filósofos:

A humanidade, assim considerada, não é uma coisa feita de uma vez e imutável, mas um estágio de desenvolvimento; e ainda está, como Wells a descreve, “em formação”. Nossa humanidade é vista não tanto no que somos individualmente, mas em nossas relações uns com os outros; e mesmo essa individualidade é apenas o resultado de nossas relações uns com os outros. Ela está no que fazemos e como fazemos, e não no que somos. Alguns, filosoficamente inclinados, exaltam o “ser” [*being*] acima do “fazer” [*doing*]. Para eles, esta pergunta pode ser feita: “Você pode mencionar alguma forma de vida que simplesmente “é”, sem fazer nada?”. (Gilman, 1911, p. 16-17).

Ora, conforme interpreta Roudeau (2022, p. 349), “para Gilman, assim como para James e outros pragmatistas, ser não era suficiente, fazer é o que pode nos tornar (mais) humanos. E fazer nunca será a tarefa de um ser individual”. Daí à importância que Gilman dá não só ao fazer, mas ao fazer em comunidade, de modo que suas propostas feministas visam transformar de modo mais profundo a sociedade. Para Seigfried (2001), o humanismo, o meliorismo e a ênfase na práxis dessa obra de Gilman claramente lembram os trabalhos de seu contemporâneo John Dewey.

Aliás, muitos dos temas que preocuparam a Dewey são também temas que ocuparam Gilman e que aparecem em seu livro de 1911. Por exemplo, um tema recorrente é a democracia e como ela não poderia estar completa enquanto as mulheres não pudessem votar ou seguissem vivendo sob o despotismo do patriarcado. Sobre esse ponto Gilman (1911, p. 43) é categórica ao afirmar que: “vivemos hoje em uma democracia – a família criada pelo homem é um despotismo”, despotismo do qual é necessário livrar-se.

Para Gilman assim como para Dewey, como argumentou Wille (2020), a democracia não é apenas um sistema político, mas é, antes e primeiramente, uma forma de organização da vida. Daí a necessidade de Gilman de começar uma reforma na própria família, para além de sua defesa do direito do voto feminino. É necessário que a democracia esteja também dentro de casa, transformando a relação entre os dois gêneros, e erradicando o despotismo masculino institucionalizado.

Também nesta obra, Gilman (1911, p. 143) abordou o tema da educação que era tão caro para Dewey, Addams, Ellen Gates Starr e vários outros pragmatistas. Ela afirmou que: “em nossa vida humana, a educação ... é o processo mais importante”. Gilman dedicou-se a criticar a divisão da época de que os interesses intelectuais femininos são interesses somente de mulheres, enquanto os interesses masculinos são vistos como universais, e a rebater as críticas de que a influência feminina possa gerar danos aos homens.⁶ Sobre a questão da educação, cita-se brevemente a seguir um de seus excertos a respeito.

O que este mundo mais precisa hoje, tanto em homens quanto em mulheres, é o poder de reconhecer nossas condições públicas, de ver a importância relativa das medidas e de aprender os processos da cidadania construtiva. Precisamos de uma educação que

5 De acordo com Gilman (1991), seu livro *The Man-Made World*, assim como *Our Brains and What Ails Them*, *Social Ethics*, e *The Dress of Women* foram inicialmente publicados em seu periódico mensal *Forerunner* antes de serem editados em um volume único como livro. Em particular, *The Man-Made World* é reconhecido como um dos trabalhos filosóficos de Gilman mais amplo e completo, nele a filósofa desenvolve o seguinte argumento: “Procura-se mostrar que o que temos chamado durante todo esse tempo de “natureza humana” e depreciado era, em grande parte, apenas a natureza masculina, e suficientemente boa em seu lugar; que o que temos chamado de “masculino” e admirado como tal era, em grande parte, humano e deveria ser aplicado a ambos os sexos; que o que temos chamado de “feminino” e condenado era também, em grande parte, humano e aplicável a ambos. Nossa cultura androcêntrica é mostrada como tendo sido, e ainda sendo, uma cultura masculina em excesso e, portanto, indesejável” (Gilman, 1911, p. 22).

6 “Mas o homem assume que sua influência é normal, humana, e a influência feminina é totalmente uma questão de sexo; portanto, quando as mulheres ensinam os meninos, os meninos se tornam ‘efeminados’ [...] Quando os homens ensinam as meninas, as meninas se tornam. Aqui, mais uma vez, falta-nos o análogo” (Gilman, 1911, p. 149).

nos dê fatos na ordem de sua importância; moral e maneiras baseadas nesses fatos; e que treine nossos poderes pessoais com uma seleção cuidadosa, para que cada um possa servir melhor à comunidade. (Gilman, 1911, p. 157).

A educação tanto em Gilman (1911) quanto em Dewey (1979) é um processo não apenas de aprendizagem de fatos teóricos, mas de aprendizagem, que visa formar o ser humano em um sentido mais amplo. Ao fazer florescer suas capacidades, os indivíduos podem contribuir melhor para a sociedade, tornando-se cidadãos mais plenos, envolvidos e participativos. Educação e democracia, em ambos os filósofos, são temas muito próximos que andam de mãos dadas.

Aliás, essa não é a única obra na qual Gilman ocupou-se com esses temas. Por exemplo, em sua revista de circulação mensal intitulada *The Forerunner*, que ela publicou entre os anos de 1909 e 1916, nas edições de 1912 ela escreveu uma série sobre democracia, que começa com o ensaio *The Work Before Us* – título que se assemelha e antecipa o ensaio de 1939 de Dewey *Creative Democracy: The Task Before Us* – no qual ela defende as mulheres de distintas críticas que eram feitas por sua falta de educação política e apresenta os problemas que deseja abordar nos volumes seguintes. Gilman (1912) escreveu que era necessário que as mulheres aprendessem a respeito da verdadeira natureza do governo democrático, realizando, assim, progresso, e livrando-se da mão masculina que as oprimia, tarefa essa que apesar da distância que nos separa de Gilman, não foi concluída.

Outro lugar onde o pragmatismo de Gilman se revela, sobretudo quando comparado ao de Dewey, são suas concepções acerca da importância da arte e da literatura, e sua crítica a uma concepção esotérica de arte. De acordo com Gregoratto (2022), tanto Dewey quanto Gilman endossam a ideia de que a arte, e em específico a literatura, são um importante meio de comunicação e de criação do imaginário acerca do mundo, e que as obras de arte não se limitam a replicar o que já existe, mas são ferramentas para transformar a sociedade, e, portanto, não devem ser restritas apenas a uma classe com poder aquisitivo. A crítica mais célebre de um conceito esotérico de arte foi feita por Dewey (2010) em seu livro de 1934, *Arte como experiência*, mas tal crítica já se insinua em Gilman (1911, p. 78), onde pode-se ler: “A arte se tornou uma profissão oculta que exige uma longa educação especial até mesmo para ser apreciada, e desenvolveu um jargão de crítica que se torna mais esotérico a cada ano”.

Enquanto Dewey (2010) defendeu a arte como produto social, entendendo que ela está relacionada também aos processos de cada sociedade e ao contexto no qual nasce, Gilman (1911, p. 79) realizou uma crítica semelhante, porém, concentrando-se como de costume em uma perspectiva feminista. Ela pretendia romper com o estereótipo de que as belas-artes eram masculinas e os trabalhos manuais femininos, seu argumento era de que “a arte é humana. Não está em nenhum grau aliado ao processo pessoal de reprodução; mas é um processo social [...]”.

Por fim, é preciso destacar que há ainda ocasiões em que o pragmatismo de Gilman se faz presente de forma tão sutil que é necessário estar atento para detectá-lo. Pode-se aqui aplicar a ideia que Hamington (2022) elaborou para explicar a filosofia de Addams, também a Gilman, de que seu pragmatismo não aparece de forma pura e teórica, mas está profundamente interligado com seus escritos baseados na experiência, na crítica social e nas vivências pessoais.

Um exemplo de como esse pragmatismo mais sutil aparece é uma frase do primeiro capítulo da obra *Human Work*, no qual Gilman (1904, p. 11-12) escreve: “enquanto acreditarmos em bruxaria, ou no direito divino dos reis, ou na escravidão, enquanto agirmos com base nessa crença, nossa ação será prejudicial”. Aqui, a filósofa está empregando uma das características mais comuns e recorrentes entre os pragmatistas, a de que as crenças de cada indivíduo funcionam como guias para a ação destes, e não somente como crenças desinteressadas e abstratas. Essa concepção pragmatista, no entanto, não é discutida em seu nível teórico, mas aparece já diretamente aplicada no texto, permeada por exemplos da vida real.

Por fim, embora esta pesquisa seja uma amostragem pequena, é suficiente para evidenciar textualmente que as indicações de Upin (1993), Seigfried (2001) e outros intérpretes que vinculavam

os trabalhos de Gilman com o pragmatismo têm razão e merecem mais atenção e desenvolvimento no futuro por parte dos pesquisadores de pragmatismo clássico.

4 Considerações finais

Seguindo a tendência mundial de reconstrução do cânone histórico filosófico que visa construir uma narrativa mais plural e abrangente, esta pesquisa buscou contribuir para os avanços dos estudos no Brasil, demonstrando que as obras de Charlotte Perkins Gilman podem ser lidas não somente como pertencendo às áreas de estudos literários e sociológicos – como tem acontecido até o momento –, porém, que seus escritos possuem também um profundo caráter filosófico, e estão permeados por posicionamentos, temas e problemas que são comumente identificados com os do pragmatismo clássico.

Como buscou-se demonstrar no decorrer destas páginas, apesar da imagem que foi criada de Gilman como uma socióloga e/ou reformadora social, ela própria via-se como uma filósofa, que refletia sobre os problemas de sua época e buscava soluções para estes, de modo semelhante ao que havia feito seu contemporâneo John Dewey. Com efeito, são muitas as similaridades entre temas e eixos de reflexão comum a Dewey e Gilman, como vem apontando a literatura secundária a respeito da filósofa. Seja sua conexão com Dewey, seja sua conexão com Jane Addams, Gilman pode ser vista como uma filósofa pragmatista tanto por contexto quanto por base teórica.

Também buscou-se mostrar que em suas discussões acerca de gênero, do direito das mulheres e da independência econômica destas, Gilman empregou o pragmatismo como um método, aproximando-se deste seja porque compartilhava com os pragmatistas suas inspirações como o darwinismo, seja porque compartilhava o método, entendendo que as crenças guiam as ações humanas, ou ainda suas preocupações e defesas da educação, da democracia, do humanismo e da comunidade, ressaltando sempre sua crença na melhoria da sociedade.

Por fim, ressalta-se que o trabalho de entender as conexões entre Gilman e o pragmatismo está longe de estar concluído. Aqui, ele foi apenas sinalizado e indicado com o intuito de começar a adentrar as águas de uma investigação mais extensa que ainda está por ser feita. Investigação esta que também tem o objetivo de convocar os pares a continuar o resgate das filósofas pragmatistas, dando a conhecer suas obras e suas singularidades, recuperando-as assim do esquecimento histórico indevido.

Referências

- BAGGER, M. (Ed.). *Pragmatism and Naturalism: Scientific and social inquiry after representationalism*. New York: Columbia University Press, 2018.
- BARRENA, S. El Pragmatismo. *Factótum*, v. 12, p. 1-18, 2014. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5229406>
- BOYDSTON, J.A. John Dewey and the New Feminism. *Teachers College Record*, v. 76, n. 3, p. 1-6, 1975. <https://doi.org/10.1177/016146817507600302>
- DE WAAL, C. *Introducing Pragmatism: A tool for rethinking Philosophy*. New York: Routledge, 2022.
- DEWEY, J. John Dewey to Scudder Klyce, 1920.05.08. In: HICKMAN, L. (Ed.). *The Correspondence of John Dewey*, II. Charlottesville: Intalex. 04621. 2008.
- DEWEY, J. A necessidade de uma recuperação da filosofia. Trad. Barbara Napolitano, Fábio Wosniak, Jocielle Lampert e Horacio Héctor Mercau. *Revista Apotheke*, v. 7, n. 2, p. 267-301, 2021. <https://doi.org/10.5965/24471267722021267>
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- DEWEY, J. *Democracia e educação*. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- GILMAN, C. P. *Human work*. New York: McClure, Philips & Co., 1904.
- GILMAN, C. P. *O papel de parede amarelo e outros contos*. Trad. Martha Argel. São Paulo: ViaLeitura, 2019.
- GILMAN, C. P. *Terra das mulheres*. Trad. Flávia Yacubian. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- GILMAN, C. P. *The living of Charlotte Perkins Gilman: An autobiography*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1991.
- GILMAN, C. P. *The man-made world or; our androcentric culture*. New York: Charlton Company, 1911.
- GILMAN, C. P. The work before us. *The Forerunner*, v. 3, n. 1, p. 6-9, 1912. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015029911875&seq=7>
- GILMAN, C.P. *Women and economics: A Study of the economic relation between men and women as a factor in social evolution*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1998.
- GREGORATTO, F. Aesthetic transformative experience. A pragmatist outline. *Philosophy and Social Criticism*, p. 1-19, 2022. <https://doi.org/10.1177/01914537221117086>
- HAMINGTON, M. Jane Addams. In: ZALTA, E.N.; NODELMAN, U. (Eds.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2022. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/cgi-bin/encyclopedia/archinfo.cgi?entry=addams-jane>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- HAMINGTON, Murice. *The social philosophy of Jane Addams*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2009.
- HERNANDEZ, A. Pragmatist feminist utopias: Gilman, Mead, and the problem of choice. *Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy*, v. 37, p. 76-96, 2022. <https://doi.org/10.1017/hyp.2021.69>
- JAMES, W. *Pragmatismo: Un nuevo nombre para viejas formas de pensar*. Trad. R. Del Castillo. Madrid: Alianza, 2000.
- KIMMEL, M.; ARONSON, A. Introduction to the 1998 Edition. In: GILMAN, C.P. *Women and economics: A study of the economic relation between men and women as a factor in social evolution*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1998, p. vii-lxx.
- MARTIN, J. *The Education of John Dewey*. New York: Columbia University Press, 2002.
- MCCRARY, L. K. From Hull-House to Herland: Engaged and Extended Care in Jane Addams and Charlotte Perkins Gilman. *Politics & Gender*, v. 15, p. 62-82, 2019. <https://doi.org/10.1017/S1743923X18000405>
- MORRIS, C. W. Introducción: George H. Mead como psicólogo y sociólogo social. In: MEAD, G.H. M. *Espíritu, persona y sociedad*. Trad. M. Florial. Barcelona: Paidós, 1973. p. 23-48.
- MURPHY, J. S. Charlotte Perkins Gilman (1860-1935). In: WHAITE, M. E. (Org.). *A history of women philosophers*. Vol. 4. Contemporary Women Philosophers 1900-today. Dordrecht: Springer, 1995. p. 51-65.
- PAPINI, G. *Pragmatismo*. Buenos Aires: Cactus, 2011.
- PENELAS, F. La filosofía estadounidense del siglo XX. In: ÁLVAREZ, R. (Ed.). *La filosofía en el siglo XX*. Vol. 2: corrientes y disciplinas. Buenos Aires: Prometeo, 2018. p.175-229.
- ROUDEAU, C. Charlotte Perkins Gilman's Pragmatism. In: RECKSON, L. (Ed.). *American Literature in Transition, 1876-1910*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. p.345-366.
- SEIGFRIED, C.H. Can a "Man-Hating" Feminist Also Be a Pragmatist? On Charlotte Perkins Gilman. *The Journal of Speculative Philosophy*, v. 15, n. 2, p. 74-85, 2001. <https://doi.org/10.1353/jsp.2001.0023>
- SEIGFRIED, C. H. *Pragmatism and feminism: reweaving the social fabric*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1996.

- SEIGFRIED, C.H. The missing perspective: feminist pragmatism. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 27, n. 2, p. 405-416, 1991b. <https://www.jstor.org/stable/40320343>
- SEIGFRIED, C. H. Where are all the pragmatist feminist? *Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy*, v. 6, n. 2, p. 1-20, 1991a. <https://www.jstor.org/stable/3810093>
- SPENCER, A.R. *American pragmatism: an introduction*. Cambridge, Massachusetts: Polity Press, 2020.
- STUHR, J. *Genealogical Pragmatism: Philosophy, experience and community*. New York: The University of New York Press, 1997.
- SULLIVAN, S. Pragmatism. In: ALCOFF, L. M.; KITTAY, E. F. *The Blackwell Guide to Feminist Philosophy*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2007, p.64-81.
- TALISSE, R.; AIKIN, Scott F. *Pragmatism: A guide for the perplexed*. London and New York: Continuum, 2008.
- UPIN, J.S. Charlotte Perkins Gilman: instrumentalism beyond Dewey. *Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy*, v. 8, n. 2, p. 38-63, 1993. <https://www.jstor.org/stable/3810336>
- WILLE, K. Unease as a Feminist-Pragmatist concept. conceptualizing a powerful sentiment along with Charlotte Perkins Gilman. *European Journal of Pragmatism and American Philosophy*, v. XII, n.2, p.1-19, 2020. <https://doi.org/10.4000/ejap.2103>



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2024
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2024v25i1:e66439>